EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE GRAMSCI E SAVIANI

Daniele LOZANO

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

lz.dani@ufscar.br

Gabriel Davanzo LOZANO

Universidade de Lisboa - ULisboa

davanzogabriel61@gmail.com

Maria Fernanda Vilhena Mafra BAZON

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

mariaf.vilhena@ufscar.br

Eixo 8

Palavras-chave: Movimentos sociais. Dialética. Pedagogia crítica.

Resumo

O seguinte estudo pretende descrever o modo com que as abordagens de Gramsci e de Saviani, frente a educação voltada para os movimentos sociais, resultam em uma pedagogia que coloca a escola e o saber como ferramentas de emancipação social. Compreendida como parte intrínseca de um projeto revolucionário que pretenda superar as perspectivas reformistas e hegemônicas da educação, tem como fio condutor a práxis na qual a formação humana é tomada como basilar no processo de transformação e conscientização social. Pela mesma razão, o papel do professor é de fundamental importância, dado que ao ser visto como agente transformador, assume a função de transmitir o conhecimento de maneira a incitar a formação de uma consciência social crítica, produzindo cidadãos capazes de analisar e agir sobre a sociedade na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Dialética. Pedagogia crítica.

1. Introdução

Quando pensamos em transformação social por meio de movimentos coletivos, organizados e ideologicamente unidos, nomes como Marx, Engels, Lênin e Gramsci naturalmente vêm à mente, justamente por terem desempenhado papeis fundamentais no âmbito teórico, político e social em suas épocas.

Da mesma maneira, no Brasil, ao refletirmos sobre uma pedagogia que contém a práxis como fio condutor para que a escola seja vista como um meio de transformação social, o nome de Dermeval Saviani, fundador da pedagogia histórico-crítica, é a quem nos referimos.

Expomos aqui a convergência entre a educação pensada por Gramsci e Saviani, no sentido de ambos terem elaborado questões que articulam a escola não apenas como local de transmissão de saber – de aprendizado, mas também, e principalmente, como espaço de confrontos: como um campo de batalha a ser conquistado, seja pela luta de classes, em Saviani, ou pela resistência à hegemonia cultural burguesa, em Gramsci.

Tendo ambos bases marxistas, convergem no sentido de compreender que

> [...] a classe trabalhadora torna-se um objeto a serviço do capital quando se encontra restrita à sua condição econômica de classe. Mas quando ganha consciência de seu papel na totalidade da formação econômica e social capitalista, ou seja, quando adquire consciência de classe, ela se torna capaz de empreender a luta para superar a sua condição de classe, projetando-se na arena ético-política e epistemológica para transformar radicalmente as estruturas e as superestruturas sociais, assumindo-se como sujeito de um novo caminho para a história. (MARTINS, 2008, p. 84).

Sendo assim, acreditamos que na escola deve ocorrer a formação de consciência de classe, se tornando o local de compreensão política do mundo no qual os estudantes estão inseridos, capacitando-os para almejar, interferir e existir ativamente nessa estrutura sistémica, rompendo com as suas hierarquias e monopólios.

2. A educação para Gramsci

Em alguma semelhança a outras concepções intuitivas da educação[1], Gramsci encara-a como o conjunto de todo e qualquer processo de formação humana experienciado por um sujeito: como tudo aquilo que o faz ser, que torna-o e insere-o maquinalmente nos processos e relações sociais ordinariamente acessíveis na sociedade. Sendo assim, a educação constitui-se de cada processo que faz o sujeito ser e não-ser, objetiva e subjetivamente, em todas as dimensões que o identifique.

[1] Com esta frase não é pretendido inferir que a filosofia de Gramsci seja baseada na intuição (ou no 'senso comum', como popularmente atribuído), ou que se enquadre no intuicionismo filosófico. Pretende-se, apenas, aludir à concepção popular de que a escola é responsável por instruir o aluno, por transmitir-lhe conhecimento e 'fazê-lo ser' cidadão.

Com isso, compreende-se que o sujeito está no centro das teses e do pensamento gramsciano em toda a sua complexidade: seja na sua constituição, na sua historicidade, ou nas relações que estabelece para com os outros. Gramsci postula o ser humano justamente segundo a sua existência concreta e social, opondo-se fortemente à concepção metafísica e essencialista do homem, definindo a natureza humana como "[…] o conjunto das relações sociais […]", justamente por "[…] incluir a ideia do devir: o homem 'devém', transforma-se continuamente com as transformações das relações sociais." (GRAMSCI, 1999, p. 245). O relevante a reter-se aqui, no âmbito da filosofia da educação, é que o homem, enquanto postulado pelas relações sociais que o transformam e o 'fazem ser', nunca age autonomamente ou alheio de qualquer influência externa:

> É possível dizer que todas as filosofias que existiram até hoje […] conceberam o homem como indivíduo limitado à sua individualidade e o espírito como sendo esta individualidade. É neste ponto que o conceito do homem deve ser reformado. Ou seja, deve-se conceber o homem como uma série de relações ativas (um processo), no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é todavia o único elemento a ser considerado. A humanidade que se reflete em cada individualidade é composta de diversos elementos: 1) o indivíduo; 2) os outros homens; 3) a natureza. […] Daí ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo, modifica-se, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o centro estruturante. (GRAMSCI, 1999, p. 413).

A partir disso, é possível inferir que uma parte determinante para a construção e transformação do sujeito é o seu contexto social e cultural, que molda-o continuamente. Por quem é fabricado, entretanto, esse mesmo contexto cultural? Surge, assim, a conceptualização da hegemonia cultural burguesa: a teia de aranha complexa que engloba o estilo de vida, valores, e que opera segundo os interesses particulares dessa classe específica de pessoas, utilizando instrumentalmente a classe trabalhadora para o seu próprio lucro.

Quando o ser humano torna-se, não fá-lo numa sociedade neutra e recente, insere-se, na verdade, num certo contexto histórico, numa comunidade que já é moldada por certas crenças, linguagens e costumes que acabam por ditar os limites e possibilidades que esse indivíduo pode esperar ou sequer pensar em ter. Neste caso, ter e desenvolver uma consciência histórica é fundamental para o funcionamento adequado de todo o sistema educativo de Gramsci: é necessário ter uma espécie de herança histórica, de conhecimento do passado e da formação longitudinal que levou até o presente atuante para que se possa agir sobre ele e compreendê-lo devidamente. Sobre isso, o autor refere que "[…] É passado real, precisamente, a estrutura, já que ela é o testemunho, o "documento" incontroverso daquilo que foi feito e que continua a subsistir como condição do presente e do futuro." (GRAMSCI, 1999, p. 427).

Pode-se concluir, então, que cada sujeito ensina ao próximo as crenças, valores e convenções sociais adequadas, que educa-o e ajuda-o a transformar-se segundo cada contexto social correspondente. Os humanos são 'reais' em Gramsci, diga-se em semelhança ao marxismo originário, sendo definíveis não apenas, mas também por intermédio daquilo que produzem, que constróem, sendo sujeitos ativos e relacionalmente sociais. Dessa forma, não apenas no núcleo escolar ocorre a transmissão de conhecimento e instrução, pois cada geração educa a próxima num viés quase de sobrevivência e cooperação inata, sendo então todos os humanos inerentemente educados.

É impossível que o ser humano exista sem tornar-se, sem vir-a-ser, assumindo a educação uma função imprescindível em qualquer ramo da filosofia marxista e, na verdade, em qualquer uma que reconheça a necessidade urgente de uma transformação e revolução social centrada na capacitação e formação de indivíduos conscientes e críticos.

A distinção entre o trabalho e o emprego é essencial neste ponto: a educação é necessariamente um trabalho, mas a partir do momento em que transforma-se para a priorização do emprego, a escola torna-se um espaço de formação de mão de obra, deixando para trás a sua dimensão de criação e incitação teórica, intelectual, cultural e crítica que, na realidade, acaba por postular-se justamente por ser interessante e lucrativa à classe burguesa e monopolista em detrimento da instrução da classe trabalhadora, atrasando a possibilidade de uma revolução proletária por meio da fabricação de conflitos internos, desinformação e da descoletivização. (MARTINS, 2021).

A escola, em semelhança a outros 'pontos de divulgação em massa', como a televisão, o jornal e o rádio, serve os interesses burgueses na medida em que divulgam, reforçam e normalizam o estilo de vida e os seus valores como os normais, ao mesmo tempo que banalizam a instrução teórica, científica e cívica da classe proletária. Para isso, a educação deve necessariamente ser contra-hegemônica, lutando para a construção de uma cultura que não seja centralizada nas elites, e que possibilite mudar o foco para os trabalhadores, priorizando a elaboração de uma consciência social e um espírito revolucionário.

Neste caso, pode-se dizer que em Gramsci a educação aparece vinculada ao projeto de construção de uma nova hegemonia, na qual a formação intelectual e moral das classes subalternas se torna condição para a superação das relações de dominação. Baseado justamente nessas concepções constrói a Escola Unitária: projeto pedagógico que inicialmente propunha uma educação desinteressada, diga-se, apelando para a formação geral do ser humano, sendo esta marcada por diretrizes democráticas,

despretensiosas, e que não apelassem para uma profissionalização precoce. Ao longo do tempo, a ideia amadureceu para a necessidade de uma escola que lutasse contra as relações hierárquicas reforçadas e originadas pelo capitalismo, sendo uma espécie de escola construtora de intelectuais e pensadores críticos.

Sua defesa de uma escola unitária, voltada para uma formação omnilateral e crítica, demonstra a compreensão de Gramsci de que a educação pode - e tem o dever de - contribuir para a formação de sujeitos históricos capazes de intervir para modificar sua realidade.

3. A educação para Saviani

Dermeval Saviani, em meados da década de 1980, iniciou suas concepções acerca do que denominou de pedagogia histórico-crítica, influenciado pelas ideias de Marx e dialogando com Gramsci no sentido dessa pedagogia ser voltada à transformação social por meio da educação (SAVIANI, 2012).

Para assimilar a visão de mundo do autor, sob a qual desenvolveu sua pedagogia, faz-se necessário entender como este vê tanto a educação, como o trabalho educativo que é desempenhado pelos professores nos espaços escolares para que a transmissão do conhecimento ali estabelecida resulte em formação crítica dos alunos. Nas palavras do autor:

> [...] a passagem da visão crítico-mecanicista, crítico-a-histórica para uma visão crítico-dialética, portanto histórico-crítica, da educação, é o que quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica. Essa formulação envolve a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. (SAVIANI, 2012, p. 80).

Ou seja, a educação nessa visão tem o papel de transformadora, de utilizar o espaço escolar como ferramenta de mudança social.

Outro ponto importante é que Saviani, entende que a natureza do homem é por ele adquirida, pois não é dada ao nascer, e sim obtida durante a vida em suas relações com a sociedade e os cidadãos com os quais interage como podemos observar na passagem a seguir:

> [...] o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens, e aí se incluem os próprios homens.

> Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objetivo da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2012, p. 13).

Nesse sentido, Saviani denomina os conteúdos escolares de clássicos, que são os conhecimentos historicamente acumulados que devem ser transmitidos aos alunos com a finalidade que estes adquiram sua humanidade e, a forma como esses saberes serão transmitidos é que devem garantir a formação crítica no aluno perante a sociedade, tendo como fim transformá-la.

Podemos conceber tanto a educação como o trabalho como atividades da espécie humana, pois por um lado o homem adquire sua humanidade por meio da educação e, por outro – mediante o trabalho, consegue transformar a natureza com a intenção de adaptá-la às suas necessidades. (SAVIANI, 2021).

Neste ponto, a crítica do autor em relação ao modelo de educação fornecido a classe trabalhadora pela burguesia, que dividiu os homens em dois grandes grupos: os que atuarão em profissões manuais e os de profissão intelectuais, sendo o último reservado a classe burguesa que dessa maneira, consegue manter a reprodução do sistema capitalista. (SAVIANI, 2021).

Ao idealizar uma educação de concepção socialista, Saviani coloca cada etapa do ensino - fundamental, médio e superior - como fios condutores que levarão o cidadão a sua formação crítica, centrada essencialmente na práxis. Assim, “[...] o conceito de politecnia está no centro da concepção socialista de educação. Implica a união entre escola e trabalho ou, mais especificamente, entre instrução intelectual e trabalho produtivo” (SAVIANI, 2021, p. 235), contrapondo-se dessa forma a concepção burguesa de educação.

Por certo, conforme nos aponta Cury (2000), o professor é o trabalhador cuja profissão tem o papel mais contraditório neste sistema. Ele detém o saber e pode transmiti-lo com a concepção da politecnia aqui defendida, fornecendo ferramentas que possibilitam a superação do sistema, porém ao estar inserido no mesmo ele se submete a ele e se limita a difundir poucos conteúdos, muitas vezes descontextualizados com a realidade concreta da escola, que não favorecem o desenvolvimento cultural dos alunos.

Além disso, na sociedade capitalista a escola pública é garantida como direito de todos, porém o saber ali ofertado é limitado à permitir formação técnica de mão de obra que reproduz o sistema e não o saber sistematizado que dá ferramentas para sua superação.

Para Saviani, pensar em escola pública é pensar em educação socialista, ou seja, defender que dentro da escola ocorra uma prática pedagógica que esteja fundamentada na teoria e prática com uma relação de interdependência, pois "[...] em termos dialéticos, notamos que, em lugar de se excluírem mutuamente, teoria e prática são polos opostos que se incluem, abrindo caminho para a consideração da unidade entre teoria e prática." (SAVIANI, 2021, p. 260).

Portanto, Saviani (2021) com a pedagogia histórico-crítica, defende uma educação totalitária e politécnica, ou seja, a formação omnilateral do homem ao defender a apropriação dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos por todos, independente de classe social, porém principalmente à classe trabalhadora para que estes tenham ferramentas para sua emancipação social.

4. Conclusões

Gramsci ao ter suas bases marxistas pensou a educação como transformadora da realidade social da classe trabalhadora, defendendo uma formação omnilateral do homem, na qual a escola - unitária - dispõe as ferramentas que são necessárias para este intervir na sua realidade concreta, modificando-a.

Saviani entende a educação e a escola como ferramentas e espaço, respectivamente, centrais na socialização dos conhecimentos historicamente produzidos – que denominou de clássicos – de maneira que a classe trabalhadora pudesse ter acesso a esses conhecimentos e aos instrumentos culturais acumulados pela humanidade, de forma a compreender a sociedade em que está inserido e poder participar da transformação social.

Nesse sentido ambos se tornam referências quando pensamos em uma pedagogia revolucionária que defende tanto a transformação social como a emancipação do cidadão, pois podemos encontrar em ambos a articulação entre educação, política e luta de classe dentro do espaço escolar. Ademais, a escola para Gramsci e Saviani não é um espaço neutro, mas sim um terreno de luta na formação da consciência de classe.

5. Principais referências

CURY, C. A. J. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 7ª ed. – São Paulo, Cortez, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere:** Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 494p.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento**: ruptura ou continuidade? Campinas, SP: Autores Associados; Americana, SP: UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008. 325p.

MARTINS, Marcos Francisco. **Gramsci, Educação e a Escola Unitária**. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11ª ed.rev. 1ª reimp. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. 137p.

SAVIANI, Dermeval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Org.). **Marxismo e educação:** debates contemporâneos. Campinas, SP: Autores Associados, 2021. p. 221-273.